

# Fundamentos para investigações com fontes orais: contribuições epistemológicas para a pesquisa em ciências humanas e sociais<sup>1</sup>

GT16: Metodologia e Epistemologia das Ciências Sociais

Fabio Lanza<sup>2</sup>  
Líria Maria Bettiol<sup>3</sup>

## Resumo:

No campo da produção do conhecimento na área das Ciências Humanas e Sociais, a pesquisa qualitativa com fontes orais tem ganhado espaço e instalado um debate sobre pressupostos teórico-metodológicos relevantes ao processo de investigação científica. O texto a seguir foi elaborado a partir das contribuições bibliográficas e foi indicado que as fontes orais trazem ao investigador/a elementos ocultos no processo social, não evidenciados pelas estratégias e metodologias tradicionais. Ainda, no campo epistemológico a partir dos recortes propostos pelo pesquisador/a, há a possibilidade de nomear e privilegiar sujeitos/as que usualmente não são valorizados ou não ganharam reconhecimento social em suas vidas, contemplando dessa forma a produção de um novo saber no campo das Ciências Humanas e Sociais.

**Palavras-chaves:** investigação qualitativa; fontes orais; produção do conhecimento.

## Aproximação teórica e epistemológica

As discussões epistemológicas sobre pesquisa oral, história oral, discurso-memória e a análise dessas fontes não são consensuais, de tal forma que as indicações a seguir trilham uma das possíveis fundamentações teóricas e um dos caminhos de investigação a partir das fontes orais. Está apresentado na seguinte perspectiva: I) Aproximação teórica e epistemológica; II) Elaboração do método de investigação; III) Proposta de análise e interpretação dos dados (orais) a partir do processo de pesquisa.

Há que se destacar que a intenção é apresentar uma exposição panorâmica sobre as temáticas relacionadas aos depoimentos, à história oral, à memória e temas afins, como forma de valorização da comunicação e dos seus sujeitos envolvidos no cotidiano social e nos processos de pesquisa. As elucubrações a seguir não refletem os “modismos intelectuais” segundo os quais “as tendências recentes de pesquisas centradas nas mediações (estudos de recepção), ideologia (análises de discurso) e mercadologia (*marketing* político) estão contribuindo para descaracterizar a comunicação enquanto fenômeno coletivo” (MELO, 2004, p. 56).

---

<sup>1</sup> O texto a seguir foi elaborado a partir dos resultados das pesquisas realizadas e das contribuições bibliográficas oriundas para os mestrados e doutorados dos autores realizadas na última década.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP), graduado em Ciências Sociais (Unesp-Araraquara), professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UEL – Londrina/PR. Centro de Letras e Ciências Humanas – CLCH na Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário, Cx. Postal 6001 | CEP 86051-980 | Londrina - PR End. Eletrônico: lanza1975@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Serviço Social pela PUC-SP e Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina PR. Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CESA na Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário, Cx. Postal 6001 | CEP 86051-980 | Londrina – PR. End. eletrônico: [liriabettiol@uel.br](mailto:liriabettiol@uel.br).

Nesse sentido, a realização das pesquisas com fontes orais que registram o discurso-memória dos seus diferentes sujeitos pode ser motivada por Paul Thompson, o qual afirma em sua obra “A voz do passado”, que:

a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras [...] – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

É possível afirmar que a captação da fonte oral fornece subsídios tanto para as formulações da historiografia tradicional como, por exemplo, para as biografias de autoridades nacionais ou regionais. Em sentido contrário, permite romper com a perspectiva da história oficial e dos conteúdos vinculados às elites políticas, econômicas, culturais, entre outras.

Dentro dessa segunda possibilidade de uso das fontes orais é destacável valorizar a afirmação do historiador Eric Hobsbawm que traça uma justificativa relevante para a investigação na sociedade atual em que

a destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. (HOBSBAWN, 1995, p. 13)

Na sociedade atual em que impera a “espécie do presente contínuo” qual é a importância das pesquisas com fontes orais?

No interior da perspectiva apontada por Thompson (1992) e Voldman (1996) sobre a história oral enquanto ruptura, privilegia-se os sujeitos ou “aqueles que tendemos a considerar os não-atores da história, cuja importância passa a ser valorizada pelo simples fato de o historiador solicitá-los e entrevistá-los” (VOLDMAN, 1996, p. 40). Muitas vezes trata-se de uma linha alternativa à maioria dos trabalhos que compõem a história epistemológica das Ciências Humanas ou Sociais.

Assim, os sujeitos/inquiridos/as pelos/as pesquisadores/as possibilitam o acesso no processo de investigação a discursos que nunca foram publicizados ou reconhecidos socialmente. Ainda cabe ressaltar que os/as depoentes estão sendo elevados à condição de sujeitos históricos que saíram do anonimato e que, a partir de suas vidas e suas experiências, passaram a contribuir para a investigação científica. É necessário delimitar que a fonte oral a partir da captação da fala não perde de vista que os

discursos são as combinações de elementos lingüísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo [...]. A fala é [...] rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso (FIORIN, 1998, p. 11).

Esse momento, construído durante a realização da pesquisa e das entrevistas, é um “estar na contramão”, enquanto contraposição à sociedade moderna capitalista, cujos pilares sociais estão firmados no acúmulo de bens materiais, mediando o lugar social dos indivíduos, conforme sua capacidade de consumo. Eleger esse sujeito, desprovido daquelas condições essenciais de pertencimento, nos marcos da sociedade descrita acima, evidencia um duplo esforço em que compreender suas falas e discursos devem, obrigatoriamente, contemplar nas análises, seu lugar social e as trajetórias particulares de estar e ser na sociedade capitalista.

Ainda, de acordo com M. Bakhtin, a relação do indivíduo com a sociedade pode ser evidenciada por meio da sua comunicação, por que

todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo (BAKHTIN, 1986, p. 33).

Com as contribuições de Fiorin (1998) e Bakhtin (1986) é necessário perceber a fonte oral a partir da individualidade do depoente. É um ato de realização da pesquisa em que o sujeito expõe suas re-elaborações, recordações numa perspectiva individual, mas ao mesmo tempo cabe ao investigador/a perceber em seu discurso a materialidade da vida cotidiana ou a base constitutiva de seu discurso.

Outro tema complexo nas pesquisas qualitativas com fontes orais são as distinções entre memória e história, ambas mantêm relações intrínsecas, pelo fato de se vincularem à relação presente/passado e presente/futuro. Montenegro, em sua obra *História Oral e Memória*, destaca:

compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória (MONTENEGRO, 1994, p. 17).

No debate sobre memória e produção do conhecimento temos uma tensão entre “Memória Oficial” e as “Memórias Subterrâneas” dos sujeitos eleitos para a investigação,

ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à “Memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade [...] Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível, afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa (POLLAK, 1989, p. 4).

Ecléa Bosi, em seu clássico nacional “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, introduz sua produção indicando que é um estudo sem amostragem probabilística sobre a memória dos velhos, que tinha como intuito registrar a voz e, a partir dela, a vida e o pensamento daqueles que já trabalharam por seus contemporâneos (BOSI, 1994).

Tais argumentos sobre o uso da fonte oral, a relação com a memória ou do pesquisador e dos sujeitos são debatidos com as críticas já construídas para essa modalidade de pesquisa social, que vão

desde o perigo dos conteúdos “ideologizados” presentes nas análises dos dados até a confiabilidade dos mesmos.

Tomando esses parâmetros como essenciais para o revigoramento e maturamento das pesquisas com fontes orais, percebe-se que, embora para alguns campos do saber seu lugar na produção do conhecimento ainda seja menor, há uma ampliação das pesquisas com esse enfoque (MARTINELLI, 2005). Também existe maior controle sobre as pesquisas com sujeitos e seus métodos de investigação. O caso mais notório no Brasil é a Resolução do Conselho Nacional de Saúde<sup>4</sup> (CNS), n. 196/1996, que define aos Comitês de Ética e Pesquisa as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos que, apesar de ser uma prerrogativa para as pesquisas da área da saúde, têm agregado outros setores no compromisso e na qualificação dos estudos dessa natureza.

## II - Elaboração do método de investigação

A palavra grega para designar caminho é *método*. Essa palavra também é formada de duas partes: “*odos*”, que significa estrada e “*meta*”, que significa por meio de, através. Temos, portanto, a necessidade de percorrer um caminho e essa é uma característica da história da filosofia ocidental ... (BELLO, 2006, p. 21).

Os processos de investigação científica implicam uma fase inicial de planejamento, que indica o caminho que será percorrido até as formulações finais. Com as perspectivas atuais produtivistas que impregnaram os órgãos de avaliação do ensino superior no Brasil, parte dos pesquisadores tende a acelerar as etapas de planejamento e execução para garantir os dados necessários para subsidiar suas publicações.

A fase inicial é essencial para garantir a qualidade ao longo da realização da pesquisa. Por isso, uma leitura geral das referências produzidas sobre o tema e o universo proposto à investigação permitirá a formulação dos objetivos, das hipóteses, a determinação das fontes e o foco da atenção dos pesquisadores (TRIVIÑOS, 2007, p. 161).

Com as formulações de Maître (1982), é necessário perceber dois momentos que envolvem a investigação científica: a operacionalização e a interpretação.

“Operacionalização” [é] um processo estratégico que vai no sentido teoria-impéria para chegar à coleta de dados pertinentes; o movimento inverso é um “interpretação” para chegar à validação ou invalidação da problemática colocada por hipótese (MAÎTRE, 1982, p. 221).

Ao pensar o primeiro momento de planejamento e operacionalização é pressuposto que a pesquisa oral trabalha com critérios qualitativos. É possível dispensar a utilização de técnicas estatísticas de amostragem para quais e quantos serão os depoentes que permitirão a constituição do *corpus* de análise. A sustentação teórica para essa particularidade da pesquisa social repousa nas discussões sobre o processo de universalização e individualização dos homens (MARX, 1977), em que esses sujeitos são uno e diverso ao mesmo tempo. Portanto, qualquer indivíduo é uma síntese do real.

Dessa forma, a seleção dos sujeitos pode ser feita a partir de uma perspectiva intencional e o registro dos seus discursos, história de vida<sup>5</sup> ou diferentes tipos de entrevistas<sup>6</sup>, a partir das técnicas de

<sup>4</sup> CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, Resolução número 196 de 10 de outubro de 1996, disponível em: <http://www.uel.br/comites/cepesh/pages/resolucoes.php>, acessada em 30/set/2011.

<sup>5</sup> “As histórias de vida: é um tipo particular de entrevista, em geral uma série delas, em que se busca reconstruir a vida toda, ou uma fase ou um aspecto da vida da pessoa (como profissional, como paciente, como docente, como estudante). As histórias de vida permitem também ao pesquisador perceber as concepções que as pessoas têm de seu papel e de sua

gravador auxiliado pelo caderno de campo, asseguram a cientificidade do processo<sup>7</sup>. Segundo Marsiglia, “as entrevistas são os instrumentos mais usados nas pesquisas sociais, porque além de permitirem captar melhor o que os pesquisados sabem e pensam, permitem também, ao pesquisador, observar a postura corporal, a tonalidade de voz, os silêncios etc”. (MARSIGLIA, 2006, p. 392).

A confecção do roteiro semi-estruturado como elemento norteador é um momento crucial anterior à pesquisa de campo<sup>8</sup>, porque deve ser elaborado e bem planejado a partir dos objetivos (geral e específico) e dos problemas de pesquisa. O/a pesquisador/a conseguirá realizar o exercício de elaboração desse instrumento de pesquisa tendo em vista seu projeto de pesquisa e o saber teórico acumulado sobre as temáticas e os sujeitos já definidos. Outra fase importante do planejamento e operacionalização é a definição sobre a exposição ou não da identidade do sujeito/a da pesquisa e por consequência a elaboração da carta de cessão da entrevista e informações ao pesquisador/a. Dependendo do tema e da conjuntura que envolve os sujeitos/as sua identidade pode permanecer em sigilo.

Com ênfase nas opções teóricas e metodológicas explicitadas, busca-se destacar a relevância dessa perspectiva qualitativa. Salienta-se a indicação de que a pesquisa oral não é adotada necessariamente como único método de investigação, já que outras fontes podem ser investigadas pelos/as pesquisadores e seus dados e informações serem analisados conjuntamente em seu trabalho<sup>9</sup>. Não há apenas um caminho nos processos de pesquisa e nem respostas definitivas: todas as descobertas são provisórias, e as verdades, são aproximadas, inclusive nas áreas das Ciências Humanas ou Sociais.

Segundo Maître, o momento da interpretação (fase final da investigação) buscará “a decifração da entrevista [que] está orientada para processos sociais que se revelam no conteúdo ideológico latente na pessoa interrogada e através do conjunto do *corpus*” (1982, p. 222).

Nesse sentido, a análise e interpretação das entrevistas representam uma efetiva contribuição à historiografia e às Ciências Sociais, desde que o discurso do depoente seja considerado como uma das dimensões da sociedade e da história, estabelecendo-se a “relação entre discurso e configuração histórica em que se realiza, tendo o sujeito empírico como elemento de intermediação” (CARMO, 1997, p. 2) entre o passado e o presente.

A fala dos entrevistados é um fenômeno discursivo em suas múltiplas dimensões: as formações ideológicas, “o processo de comunicação entre interlocutores, os componentes argumentativos e retóricos” (CARMO, 1997, p. 2). As falas podem ser analisadas por meio de categorias de análises definidas e formuladas a partir dos objetivos da pesquisa e do roteiro semi-estruturado para a realização das entrevistas, subsidiando as interpretações e o trabalho analítico e norteando a dissertação no processo final da investigação do/a pesquisador/a.

### III - Proposta de análise e interpretação dos dados (orais).

Com base no instrumental apontado, tanto a pesquisa oral como a documental produzem dados que devem ser analisados e interpretados por meio das categorias de análise elaboradas, tendo em vista

participação nos grupos dos quais fazem parte (família, trabalho, política, religião etc), e podem ser complementadas com outros tipos de informações, sobre os processos sociais referidos pelos pesquisados, através da pesquisa das pesquisas em jornais, revistas, documentos, relatórios ou outras pesquisas” (MARSIGLIA, 2006, p. 392).

<sup>6</sup> Ver exemplo de roteiro semi estruturado no Apêndice I.

<sup>7</sup> Ver: MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. Orientações básicas para a Pesquisa. In MOTA, Ana Elizabete et al. (Orgs.). *Serviço Social e saúde*. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006, p. 383-398.

<sup>8</sup> O ideal é que seja realizada uma entrevista a título de pré-teste para que possa ser avaliado o roteiro semi-estruturado após sua aplicação, bem como, a desenvoltura do/a pesquisador/a. A partir desse pré-teste o instrumento pode ser reelaborado e o/a pesquisador/a elaborar melhor as estratégias para desenvolvimento de sua ação de entrevistador/a.

<sup>9</sup> Para exemplificar essa relação entre as fontes orais e as demais fontes, elaboramos uma lista de filmes no final que contribuem com o debate sobre a temática.

os objetivos e problemas de pesquisa propostos para a realização do *labor* investigativo. Para Triviños, na perspectiva de assimilar as contribuições qualitativas do método de análise do conteúdo,

a descrição analítica [...] começa na pré-análise, mas nesta etapa, especificamente, o material de documentos que constitui o *corpus* é submetido a um estudo aprofundado, orientado este, em princípio, pelas hipóteses e referenciais teóricos. Os procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização são básicos nesta instância de estudo (TRIVIÑOS, 2007, p. 161).

Nesse sentido, para a constituição do *corpus* analítico é necessária a transcrição dos registros orais. A partir das categorias de análise com enfoque qualitativo será elucidada a problemática e alcançados os objetivos da pesquisa.

Não se trata de exagero dar ênfase a esse processo de análise qualitativa composto por leituras e releituras dos registros transcritos, em conformidade com os problemas e objetivos da pesquisa que permitirão evitar a efetivação de interpretações impressionistas (romantizadas/superficiais/descriptivas/empiristas) das fontes orais e colaborarão com a elaboração escrita norteadas pelas categorias de análise.

A utilização da expressão "categorias de análise" está vinculada às contribuições oriundas dos Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, fundamentadas nas seguintes definições:

6 – Descrição e análise dos resultados. 6.1 – [...] Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado [...] Para ajudar na redação e na compreensão, pode ser útil fazer uma introdução em cada categoria, definindo e explicando o que ser tratado e, ao final, fazer um fecho conclusivo (DUARTE, 2005, p. 78-79).

Na mesma linha teórico-metodológica que subsidia a captação do discurso-memória e a sua interpretação a partir das categorias de análises

[...] é importante lembrar que as categorias devem ser precisamente identificadas, de modo que não haja ambigüidades ou sobreposição. Uma regra básica é que elas sejam mutuamente excludentes, de modo que o analista ou pesquisador saiba exatamente como classificar o material. Da mesma forma, elas devem ser exaustivas, ou seja, devem coibir todas as possibilidades para que o pesquisador possa classificar, apropriadamente, todas as unidades informativas (BUENO, 2005, p. 358).

Ao formular as categorias analíticas que nortearão o trato dos dados e informações coletadas é possível a identificação e análise de ações sociopolíticas, matrizes ideológicas, discursos políticos e suas correlações, que subsidiarão as interpretações e o estudo das entrevistas/história de vida realizadas, que também colaborarão para a elaboração escrita.

Todo esse construto teórico que fundamentou o planejamento e a realização da pesquisa contribuirá para a “luta contra a sociologia ingênua e o empirismo, que acreditam poder apreender as

significações dos atores sociais mas apenas conseguem a projeção de sua própria subjetividade (MINAYO, 2000, p. 197).

A interpretação e estudo das fontes (documentais e orais) buscam entendê-las como resultado de um processo social<sup>10</sup> e “processo de conhecimento (expresso na linguagem), ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico em um contexto incrementado por tensões e perturbações sociais” (MINAYO, 2000, p. 226).

Após a seleção dos fragmentos que comporão o *corpus* de análise, a interpretação do material coletado contará com a adoção das contribuições da análise do discurso em sua tendência contemporânea, tendo em vista que

para a AD [Análise do Discurso] a História não é mera exterioridade, mas envolve o discurso, e se manifesta no texto, impondo-se, desse modo, a compreensão das condições de produção do discurso – quem e como o produziu, de que lugar e para quem o produziu (CESÁRIO e ALMEIDA, 2010, p. 5).

A adoção das contribuições, tanto da análise de conteúdo como da análise do discurso, para o desenvolvimento da pesquisa está em consonância com a indicação teórica, a seguir, adotada por Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti Almeida, ao afirmar que

o modo como se constrói o “corpus” de análise é bastante pertinente ao processo de investigação da política, pois, invariavelmente, quando se faz história ou memória política, acaba levantando um volume de material empírico extenso e diverso. Partir de uma questão, como recomenda a AD, relacioná-la ao dispositivo teórico<sup>11</sup> e à construção do dispositivo analítico<sup>12</sup> são procedimentos que facilitam a escolha dos materiais discursivos no conjunto dos textos coletados [...] Um aspecto fascinante da AD é que à medida que a análise se instala, por meio da descrição e da interpretação, desencadeia-se um movimento de constante retorno à teoria, possibilitando, inclusive, quando necessária, uma revisão dos conceitos e do próprio “corpus” de análise. É desse modo que se percebe a indissociabilidade entre teoria e método na AD (CESÁRIO E ALMEIDA, 2010, p. 5).

A partir dos aspectos indicados sobre o processo de pesquisa e interpretação dos dados no interior da problemática e dos objetivos traçados pelo/a pesquisador/a, é necessário compreender a partir das orientações de Bakhtin que o material a ser analisado (transcrito, documentos, outros) deve trilhar as seguintes orientações metodológicas

- (1) não separar a ideologia da realidade material do signo [...];
- (2) não dissociar o signo das formas concretas de comunicação (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada [*sic*] e que não tem existência fora desse sistema a não ser como objeto físico);
- (3) não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura).

<sup>10</sup> De acordo com Bakhtin (1986), FIORIN (1998), SADER (1988) entre outros.

<sup>11</sup> Dispositivo teórico - Se refere ao Materialismo Histórico, à Psicanálise e à Lingüística. Ver *Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo Estrutural* (CESÁRIO e ALMEIDA, 2010, p. 5).

<sup>12</sup> Dispositivo analítico – entende-se como flexível e, portanto, exige criatividade por parte do pesquisador em relação à sua construção, pois a questão formulada está relacionada ao objeto/tema (CESÁRIO e ALMEIDA, 2010, p. 5).

Realizando-se no processo de relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados. (BAKHTIN, 1986, p. 44).

O que foi apresentado é um dos caminhos possíveis, que exige de todo/a pesquisador/a uma insistente vigilância epistemológica na produção do conhecimento. O processo de investigação com as fontes orais não é consensual entre os diversos autores, tendo em vista que as concepções sobre os instrumentais e as análises são permeadas pela certeza das contradições também ocultadas nos discursos acadêmicos<sup>13</sup>.

#### IV - Considerações Finais

As contribuições das diferentes áreas para o planejamento do processo de pesquisa com fontes orais superam o limite do viés positivista (tradicional) no campo científico, quando há o planejamento que permite interpretar a base ideológica do discurso oral do depoente e suas relações com a materialidade do cotidiano social e as relações com os processos históricos pessoal e coletivo (TRIVIÑOS, 2007, p. 162).

Nesse sentido, as contribuições de Bakhtin (1986, p. 46) endereçam que, ao mesmo tempo em que as diferentes classes sociais utilizam-se da mesma língua, as palavras vivenciam a luta de classes. O pesquisador/a deve, então, promover uma vigilância epistemológica para perceber as contradições intrínsecas nos discursos orais.

Sendo assim, é possível concluir que as fontes orais trazem ao investigador/a elementos ocultos no processo social, não evidenciados pelas estratégias investigativas tradicionais. Ainda no campo epistemológico, a partir dos recortes propostos pelo pesquisador/a há a possibilidade de nomear e privilegiar sujeitos/as que usualmente não são valorizados ou não ganharam reconhecimento social em suas vidas, contemplando dessa forma a produção de um novo saber no campo das Ciências Humanas e Sociais.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BETTIOL, Líria Maria. Atualizando o debate: formação profissional, trabalho em saúde e Serviço Social. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Serviço Social PUC SP. São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=193192](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=193192)>. Acesso em: 30 de outubro de 2011.
- \_\_\_\_\_. O Programa de Saúde da Família em Santa Fé do Sul: a participação popular e a Atenção Básica. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2003.
- BELLO, Ângela Ales. Introdução à fenomenologia. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança dos velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BUENO, Wilson da Costa, Auditoria de imagem na mídia. In: DUARTE, J.; BARROS, Antônio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação social. São Paulo, Atlas, 2005.
- CARMO, S. I. S. do. A memória do Regime Militar numa perspectiva interdisciplinar. 1997. Projeto de pesquisa para o triênio 1997-2000, apresentado À FCL da Unesp, Araraquara. [mimeo]

<sup>13</sup> Para maior aprofundamento ver Bibliografia sugerida no final.



- CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural. Acta scientiarum. Human and social sciences. Maringá, PR, 2010, v. 32, n.1, p. 1-8.
- DUARTE, J.; BARROS, Antônio (Orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação social. São Paulo: Atlas, 2005.
- HOBBSAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LANZA, Fabio. A Ditadura Militar no discurso-memória da Igreja Católica da Arquidiocese de São Paulo (1964-1985). 2001. Dissertação (Mestrado) em História apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, Franca.
- LANZA, Fabio. Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85): um olhar sob o prisma do semanário O São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=34014](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=34014)>. Acesso em: 30 de outubro de 2011.
- MAÎTRE, Jacques. Sociologia da Ideologia e Entrevista não-diretiva. In: THIOLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1982.
- MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. Orientações básicas para a Pesquisa. In: MOTA, Ana Elizabete et al. (Orgs.). Serviço Social e saúde. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006, p. 383-398.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. Os métodos na pesquisa. A pesquisa qualitativa. Revista Temporalis – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Serviço Social, ano V, nº 9, jan. jun/2005 [Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS].
- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K. & ENGELS, F. Textos 1. São Paulo: Sociais, 1977, p.118-120.
- MELO, José Marques de. A esfinge midiática. São Paulo, Paulus, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília S. Fase de análise ou tratamento do material. In: O desafio do conhecimento. 7 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- MONTENEGRO, A. T. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos históricos. Rio de Janeiro, Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 2007.
- VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

### Filmografia sugerida

Os filmes indicados abaixo contribuem com o debate sobre a temática, ressaltando a relevância das fontes orais e o processo de investigação científica.

- **A tribo dos Krippendorf**. EUA – 1998. Diretor: Todd Holland.

- **Erin Brockovich** - Uma mulher de talento. EUA – 2000. Diretor: Steven Soderbergh.

- **Narradores de Javé.** Brasil - 2003 . Diretora Eliane Caffé.

### **Bibliografia sugerida**

- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. História oral: teoria e técnica. Florianópolis: UFSC, 1978.
- GODOY, Arilda Schimidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. Revista de administração. São Paulo: FGV, 1995, v. 35, n. 3, p. 20-29.
- FIORIN, José Luiz. Elementos da análise do discurso. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. História das teorias da comunicação. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.
- MELO, José Marques de. Apresentação de Igreja e comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1973.
- \_\_\_\_\_. et al. Comunicação e Classes Subalternas. São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. Comunicação & sociedade: comunicação alternativa e cultura popular. São Paulo: Cortez, ano III, n. 6, set. 1981.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Imprensa e desenvolvimento. São Paulo: ECA-USP, 1984.
- \_\_\_\_\_. A Questão da Objetividade no Jornalismo. Cadernos Intercom. São Paulo, Soc. Bras. de Est. Interdisc. Comun./ Cortez, ano III, n. 7, p. 7-19, set. 1985.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo. São Paulo, FTD, 1992.
- \_\_\_\_\_. História do pensamento comunicacional. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. Comunicação eclesial: utopia e realidade. São Paulo: Paulinas/Sepac, 2005.
- MORÁN, José Manuel. Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira. Cadernos Intercom: Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. São Paulo: Intercom, ano I, n. 2, mar. 1982.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: USP/Ceru, 1983.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. Revista brasileira de história. São Paulo, Anpuh, v. 9, n. 19, 1989-90.
- SCHWARTZ, J.; SOSNOWSKI, S. (Orgs.). Brasil: o trânsito da memória. São Paulo: Edusp, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. “Cultura e Política (1964-1968)”. In: Pai de família e outros ensaios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

## **APÊNDICE I**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADO PARA PESQUISA ORAL LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE AS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES UEL**

Na abertura da entrevista falar o dia, mês e ano e local da entrevista. Nominar quem é o entrevistador e se tem mais alguém presente, além do depoente.

Indicar que a entrevista faz parte do Projeto Integrado Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades, vinculado à UEL e faz parte do processo de avaliação da disciplina especial Ditadura

Militar (1964-1985) e religiões e do Projeto de Ensino de Sociologia das Religiões no segundo semestre de 2010, sob orientação dos professores Cláudia Neves da Silva e Fabio Lanza e versará sobre a temática (indicar qual a temática do seu recorte de pesquisa: Ditadura Militar e Religiões)

#### A) DADOS PESSOAIS

Nome completo

Ano de nascimento

Cidade de origem

Quando mudou para Londrina ou região?

Qual a sua formação escolar/acadêmica?

Qual denominação religiosa que está vinculado(a)?

Esteve vinculado a outra denominação religiosa anteriormente? Qual (is)? Quando?

O que motivou a mudança de denominação religiosa?

Quando foi que entrou no seminário ou convento (*Se for do clero católico*)? Ou Como foi sua vinculação com a formação e liderança religiosa?

Quando passou a exercer \_\_\_\_ (cargo, função ou mandato) religioso?

#### B) MILITARES NO GOVERNO (1964 – 1985)

Você residia em Londrina na época do Governo Militar?

Como foi o Governo Militar para a cidade?

Como foi o relacionamento da \_\_\_\_\_(Nome da Denominação religiosa selecionada por você) com o Governo Militar em Londrina?

Você conheceu algum episódio ou situação envolvendo os membros da sua denominação religiosa ou de outras denominações com a Polícia ou os representantes do Governo Militar?

Lembra-se de alguém que poderia indicar para outras entrevistas?

Em sua opinião a \_\_\_\_\_(Nome da Denominação religiosa selecionada por você) em Londrina, teve uma postura de resistência, de apoio, ou de indiferença ao regime?

Encerrar agradecendo a disponibilidade do entrevistado.

Orientações Gerais: não esquecer de pegar assinatura para autorização de Cessão da Entrevista ao Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, quando entrar em contato esclarecer que a pesquisa irá compor o acervo oral e ficará disponível para futuras pesquisas.